

Leônidas usa festas para fazer política

Arquivo — 29/8/87

Ministro critica
Constituinte e tem
apoio de Geisel

Eliane Cantanhede

BRASÍLIA — Nunca, em mais de duas décadas, um ministro do Exército frequentou tantas festas e promoveu tantas conversas com políticos quanto o general Leônidas Pires Gonçalves. "Amenidades", costuma resumir os temas dessas festas e conversas; "Constituinte, rumos do governo Sarney e do próprio país", corrigem seus interlocutores políticos, como os senadores José Richa (PR) e Fernando Henrique Cardoso (SP), ambos do PMDB e intermediários entre a Constituinte e o QG do Exército.

As duas versões são corretas, se combinadas. O general Leônidas, que forma com Dona Doris o "casal 20" de homenagens sociais a ministros, governadores e políticos da envergadura do presidente da Constituinte, deputado Ulysses Guimarães, sempre está pronto também a fazer perguntas e comentários. As perguntas podem ser, por exemplo, sobre um artigo do projeto de Constituição. Os comentários, como na quinta-feira da semana retrasada, em jantar com o governador Miguel Arraes e o prefeito de Recife, Jarbas Vasconcelos, sobre o emperramento da máquina burocrática do governo.

Leônidas, desde a campanha eleitoral do ano passado, mantém atualizado um painel sobre quem é quem na Constituinte. Esse levantamento começou pelas unidades militares nos estados, avançou por conversas dos seis oficiais de sua Assessoria Parlamentar diretamente com o "público-alvo" e está na fase de sua avaliação pessoal. Uma fase marcada por audiências, no Quartel-General do Exército, a políticos de todos os partidos e tendências ideológicas que, só no mês passado, somaram 150 pessoas.

Na casa de Richa, amizade e quibe

O general Leônidas parece ter entendido perfeitamente que é preciso fazer política, pois já reuniu oficiais de várias regiões do país para retransmitir essa lição. Como também já reuniu os oficiais sob a órbita do Comando Militar do Planalto para ouvir exposições dos ex-ministros da Fazenda, Dilson Funaro, e do Planejamento, João Sayad, sobre as dificuldades econômicas e as alternativas tentadas para corrigi-las.

Algumas das festas que Leônidas frequentou nos últimos meses foram a homenagem a Ulysses oferecida pelo governador do DF, José Aparecido, duas recepções na casa do assessor internacional do Ministério da Fazenda, embaixador Rubens Barbosa, e os aniversários do falecido ministro Marcos Freire e do secretário-geral do Itamaraty, Paulo Tarso Flecha de Lima. A algumas delas também compareceu o deputado José Serra (PMDB/SP), que já foi presidente da UNE e, muito provavelmente, considerado inimigo pelos militares, mas hoje frequenta eventualmente o gabinete do chefe do



General Leônidas (D) e Fernando Henrique: acertou

— A tendência da Constituinte é conservadora — dizia Leônidas no final do semestre passado, num almoço no QG. Aquela altura, sua avaliação era a de que 70% dos constituintes estavam dispostos a preservar "valores essenciais", como o direito à propriedade privada, e os outros 30% estariam distribuídos entre as extremas esquerda e direita, que se "neutralizariam".

Aval de Geisel — Essa sua avaliação matemática evoluiu para uma outra, mais política, e o Leônidas que surgiu na reunião de todos os ministros com Sarney, no dia 27 de agosto, estava bem menos tranqüilo. Para ele, as minorias atuantes, apesar de minorias, tinham um inadmissível poder de fogo, bem superior ao da maioria de centro.

Suas declarações repercutiram mal no Congresso, mas tiveram apoio explícito de uma das principais lideranças militares surgidas durante a chamada "revolução de 64": o general Ernesto Geisel, discreto em seu escritório de presidente da empresa Norquisa, no Rio, disse a interlocutores civis que o ministro estava certo não só em falar — "o cargo dele é político. O ministro da Saúde também não fala?" — como no que de fato falou. O PT, citou Geisel na conversa, repercutiu suas posições no Congresso muito melhor do que a direita e o centro e, por isso, vem crescendo

a cada eleição e vai continuar crescendo.

Naquele início do segundo semestre, estavam em jogo o papel constitucional das Forças Armadas, a questão da anistia aos militares cassados, o parlamentarismo e a duração do mandato de Sarney. Leônidas verbaliza motivos econômicos contra a anistia ("quem vai pagar a conta?"), motivos históricos contra o parlamentarismo ("não é da tradição Republicana") e motivos políticos contra quatro anos de mandato ("caracterizaria um golpe").

Em setembro, contudo, disse pessoalmente a Sarney, num despacho no Planalto, que ele não se oporia ao parlamentarismo gradual, desde que afastada a idéia de um ministério da Defesa, que centralizaria num só ministro os comandos hoje divididos entre Marinha, Aeronáutica e Exército.

— Eu tenho medo do parlamentarismo — disse um já conformado Leônidas ao senador José Richa, seu amigo pessoal.

— E eu morro de medo do parlamentarismo, mas prefiro ousar agora do que perder essa oportunidade histórica — respondeu-lhe Richa, que tem tido o importante papel de mostrar a um flexível ministro do Exército que em política não se cumprem ordens, mas se discutem temas e se negocia o que é possível.

SNI, general Ivan de Souza Mendes.

— Nunca vi nem o general Leônidas nem o general Ivan fazendo qualquer pressão sobre nós, constituintes — testemunha Serra.

José Richa já é um amigo de longa data, aliás muito útil na sua aproximação com Tancredo. Era deputado em primeiro mandato, em 1964, quando Leônidas era um dos subchefes do Gabinete Militar do governo Castello Branco, chefiado pelo general Ernesto Geisel. Ambos moravam no Hotel Nacional e Richa logo detectou no amigo "um militar liberal e um bom político, na medida em que tem boa bagagem de conhecimentos políticos". Hoje, o ministro é um dos políticos e militares que se reúnem na casa de Richa em torno da melhor cozinha árabe e foi lá que ele aprendeu, por exemplo, a apreciar o famoso quibe cru.

— É preciso definir o que é próprio dos militares, o que é próprio dos políticos, e investir onde há interface entre os dois. Conversar não é acatar nem pedir apoio — raciocina Fernando Henrique.

Trabalhar Não é exatamente próprio dos militares discutir estabilidade no emprego ou carga horária de empregados civis da área privada. Leônidas, contudo, está com Geisel também nisso — ambos acham que o problema do Brasil "é de trabalho" — e era favorável a 48 horas semanais de jornada. Como a esquerda defendia 40 horas, entrou Richa em ação propondo o meio-termo de 44 horas. Seu argumento foi político, tanto com Leônidas quanto com o líder em exercício do PMDB na Constituinte, deputado Eulides Scalco: "O importante é chegar ao aceitável e não ao utópico, pois o risco é o retrocesso para o lado oposto, seja ele qual for". Passaram as 44 horas.

Hoje, a principal preocupação de Leônidas não se dirige à Constituinte, mas ao executivo: ele reclama aumentos reais de salários para os militares e esbarra nos argumentos da área econômica, de que, aumentados os militares, terão aumento automático também os civis.



Quéricia quer que PMDB atraia Sarney

Quéricia sugere que Sarney decida mais rápido rumo a tomar

SÃO PAULO — O governador Orestes Quéricia disse que é preciso atrair o presidente Sarney para o PMDB, barrando a tentativa de "muita gente da direita", que pretende "tomar conta do presidente". Quéricia garante que será ouvido sobre a reforma do ministério, mas assegura que Sarney enfrentará problemas políticos para concretizá-la. Ele acha contudo que, se a reforma é necessária "para o país entrar no eixo", deve ser feita o quanto antes.

Insatisfeito com o presidente e com o próprio partido, diz que Sarney deve "agir rápido", assumindo o poder sem demora. Quanto ao PMDB, deve adotar o governo de uma vez, sem mistificações. O governador acha que seu partido está a reboque do PT na Constituinte: preocupado com a unidade, o PMDB perdeu o rumo. "Não podemos querer o consenso em todas as decisões e, ao mesmo tempo, estabelecer um processo revolucionário no país", diz.

Obsessão — Sem esperança de que a Constituição fique pronta este ano, preocupado porque vê o PMDB sem comando, Quéricia responsabiliza "certas lideranças" pela situação. "Existe no PMDB", opina, "uma obsessão pela busca de unanimidade nas decisões. Ora, é impossível obter consenso em tudo. É preciso que o PMDB tenha definições, mesmo que elas machuquem alguns companheiros. Consenso é forma anti-democrática de ação". Para ele, a exagerada preocupação com a unidade afasta o partido do processo político. "Esse é o nosso problema hoje", afirma.

Quéricia diz que Sarney não deve ter medo de tomar as rédeas do poder. "Ele tem obrigação de fazer isso", diz. Reconhece, porém, que o presidente não tem contado com o apoio do PMDB. "O PMDB tem ganho eleições com a esquerda, mas não podemos abandonar a realidade por interesses estranhos, doutrinários ou fisiológicos. É preciso que um comando firme some todos os setores do partido". O governador acha que, para reforçar o poder de Sarney, tudo é válido, inclusive o restabelecimento da Aliança Democrática.

"Deus-dará" — Quéricia critica também a Constituinte. Para ele, a Comissão de Sistematização foi criada "ao Deus-dará", sem respeitar regiões ou tendências políticas. "O que foi aprovado até agora reflete a Sistematização, mas não a Constituinte, e boa parte será alterada pelo plenário para espelhar efetivamente a realidade do meio social brasileiro".

O governador se declara disposto a jogar todo o peso político de que dispõe em favor de mudanças, mas considera a Comissão de Sistematização ainda sem condições de demonstrar em conjunto se está ou não de acordo com o que pensa o país. Os governadores, diz, têm o direito de influir, e "o lobby é do processo democrático".

Apesar de reconhecer que "há muita gente com vontade de dar o golpe", Quéricia assegura não estar preocupado com manifestações como a do ex-presidente Figueiredo ou a existência da Associação Brasileira de Defesa da Democracia — entidade fundada por civis e militares identificados com a direita para fazer oposição à Nova República. "Nós é que temos responsabilidade de não deixar que se amplie o quadro para que essa gente atue".